

PHIL STAMPER

Tradução Sandra Martha Dolinsky

*Golden
Boys*

**GAROTOS
DOURADOS**

TEXT COPYRIGHT © 2020 BY PHIL STAMPER
THIS EDITION PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH TRIADA US
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **ARIADNE MARTINS**
Revisão **MÁRIO COUTINHO e BÁRBARA PARENTE**
Adaptação de capa **VANESSA S. MARINE**
Diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Stamper, Phil
Golden boys : garotos dourados / Phil Stamper ; tradução de Sandra Martha Dolinski. -- São Paulo : Faro Editorial, 2023.
256 p.

ISBN 978-65-5957-276-2
Título original: Golden Boys

1. Ficção norte-americana 2. Homossexualidade I. Título II. Dolinski, Sandra Martha

23-0476 CDD 813

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
I. FICÇÃO NORTE-AMERICANA



1ª edição brasileira: 2023
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos
por FARO EDITORIAL
Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

CAPÍTULO 1

Gabriel

Dormir do lado de fora da conchinha é uma tarefa árdua. Não me entenda mal, é gostoso ter Sal aninhado em mim. O calor que sai de seu corpo é como um calmante. Meu coração ecoa no peito, mas sinto minha frequência cardíaca diminuir.

Respirar fica um pouco difícil. Primeiro, seu cabelo louro meio despen-teado fica entrando na minha boca. Segundo, é como se eu pudesse ver meu hálito quente subindo por seu pescoço — será que isso o incomoda? Meu hálito é fresco? E como Sal não se preocupa com tudo isso quando sou eu que estou do lado de dentro da conchinha?

Mentalmente, meu corpo está suspenso nesse estado leve e pacífico. Fisicamente, estou *suando*. Tiramos os cobertores, mas nem o ar-condicionado sempre ligado — sua mãe insiste nisso — consegue combater essa onda de calor. Meu braço esquerdo está totalmente dormente e não sei onde colocar o outro. Neste momento, está ao redor dele, subindo e descendo lentamente com sua respiração. Toda vez que me mexo, minha pele se afasta um pouco da dele. Normalmente, é quando eu desisto e me viro para o outro lado, mas se esta for a última vez...

Não consigo pensar nisso. Então, penso nele.

Ele parece confortável e seguro em meus braços, em sua cama, em sua casa. Sua confiança reafirma a propriedade dele sobre tudo que existe ao seu redor, e às vezes eu me sinto incluso nisso, apesar de, oficialmente, não termos um relacionamento.

O jeito como ele pressiona suavemente seus quadris nos meus e arqueia o pescoço para trás me lembra que ele está no controle da situação, mesmo estando na parte de dentro da conchinha.

Pouso meus lábios em seu pescoço e dou-lhe uma mordidinha de brincadeira. Ele ri e afasta a cabeça.

Às vezes é bom lembrá-lo que eu não sou uma das coisas que ele possui.

— E aí? — pergunta Sal, virando para encontrar meu olhar.

Sua testa toca a minha e esboço um sorriso. Minha respiração está mais longa, mais suave.

— Você está todo duro hoje.

Eu arqueio a sobrancelha, o que o leva a dizer:

— Não nesse sentido! Mas é sério: está preocupado com o verão? — pergunta.

— Estou preocupado com muitas coisas — admito, mas não é preciso ser vidente para descobrir qual é minha principal preocupação. — Não me entenda mal, estou animado para ser voluntário lá. Vai ficar ótimo no meu histórico escolar, e vou ajudar a salvar árvores, o que é legal.

Sal me puxa e me dá um beijo.

— Está preocupado porque vai sentir muito minha falta?

— Até parece — digo, e dou risada. Por mais que eu adore isso que temos há anos, eu não o amo desse jeito.

— Poderemos aproveitar esse tempo separados. Terei a chance de encontrar um garoto que não considere os resumos da TV SENADO conversa-fiada.

— Ah, entendi. Você quer a parte boa.

Ele se aproxima de mim, e calafrios sobem pelas minhas costas e se instalam, inquietos, em meus ombros.

— Não me faça usar minha arma secreta.

— Pelo amor de Deus, não! — grito, dando um tapa nele e tentando não rir.

Mas ele se inclina em direção ao meu ouvido. Sua voz se transforma em um sussurro e sua respiração em meu ouvido provoca arrepios por todo meu corpo. Puxo o cobertor, apesar do calor.

— *Où se trouve la station de métro la plus proche?*

Meu coração derrete; odeio ser tão tonto. Ele está dizendo bobagens que aprendeu na aula de francês, eu sei. Mas fala tão diretamente, com tanta audácia, que eu quase me vejo apaixonado por ele de verdade.

— Deus, por que não fiz francês? — digo. — Que diabos você está dizendo?

— Coisas românticas — ele limpa a garganta. — *Je voudrais acheter un billet.*

Mesmo contra minha vontade, estremeço.

— Parece bem romântico — digo secamente.

— A Sra. Brashear sempre diz que meu sotaque é o melhor da classe. Reese odeia, mas talvez ele pegue o sotaque depois de morar lá neste verão. Alguns alunos talvez façam uma viagem a Paris ano que vem, no nível IV, por isso tenho que praticar. Não seria incrível?

— Uau! A vila de Gracemont, Ohio, tomando conta de Paris — faço uma pausa e continuo. — Estou com dó dos franceses.

Rimos. Mas quando o riso acaba, um silêncio inquietante o substitui. Sem pensar muito nisso, rolo para longe e olho o quarto de Sal. É tão arrumado que parece que ele não tem nada. Mas há indícios de sua personalidade por todo lado. Um *ring light* e o kit de maquiagem em um canto. Um porta-gravatas cheio de gravatas-borboleta cintilantes, a maioria ainda com a etiqueta de preço. Uma grande mesa com uma cadeira giratória e um notebook, adornada com medalhas acadêmicas, troféus e um trabalho de conclusão de curso. Ele mantém seus artigos presos em um quadro de cortiça como se fosse seu próprio pai orgulhoso.

— Estou empolgado para ir a DC neste verão — diz Sal. — Mas estou quase mais empolgado porque você vai para Boston; porque Reese vai para a escola de design em Paris. Caramba, até porque Heath vai a Daytona.

— Que bosta.

— Um jovem cavalheiro honrado nunca diz palavrões.

Simultaneamente, reviramos os olhos. Ele está citando sua mãe — ela já era um pé no saco, mas ficou insuportável quando recebeu a ligação falando do estágio de verão de Sal com o senador Wright.

Ele se aproxima e me puxa, e uma onda de calma inunda meu corpo. Sal nunca quer ficar do lado de fora da conchinha, por isso curto cada momento.

— Estou falando sério sobre todos nós. Somos inseparáveis há anos, mas... há muita coisa que podemos fazer, sabe? Mamãe sempre me incentivou a fazer esse tipo de coisa, sempre arrumava tempo para me tirar daqui e me mostrar como é a vida fora de Gracemont. Até abriu essa porta específica para mim, me ajudando a conseguir esse estágio. Sei que posso continuar de onde ela parou e transformar isso em minha vida. — Uma escuridão preenche o silêncio. — Precisamos sair daqui.

— Para você é fácil — digo. — Você se sente à vontade nas cidades grandes, se encaixa em todos os lugares. Nada te assusta.

Não comento que ele também tem dinheiro para fazer essas coisas, enquanto meus pais estão gastando suas economias para me mandar para Boston.

— Mas, para mim, é difícil até pensar nisso. Queria ter sua confiança.

— Mesmo assim, você conseguiu, Gabe. Precisou ser confiante e corajoso para fazer esses planos, para se candidatar, contar a seus pais e se comprometer de verdade com essa paixão maluca de salvar as árvores. Você viu a oportunidade e disse sim. Isso é ser corajoso. Não deixe sua ansiedade ofuscar tudo que você já fez.

Suspiro, longa e lentamente, enquanto ele me abraça mais forte.

— Fico pensando em todas as pessoas que terei que impressionar, em todas as multidões que terei que encarar. Vou odiar Boston, eu sei disso. Sério, onde foi que eu me meti?!

Ele ri e murmura que vou me sair bem. Está me abraçando de um jeito bem casual. Seu corpo pegajoso está apertado contra o meu, e ele nem está fazendo nada, mas sua intensidade irradia. Sua energia, sua confiança, sua motivação... são viciantes.

Ele está sempre buscando mais: notas melhores, mais prêmios para sua mesa, mas, de alguma maneira, está tão contente comigo quanto eu estou com ele. Mas não posso deixar de pensar que nós dois merecemos mais que contentamento. Talvez passarmos o verão separados seja bom para ambos.

Ele me abraça e eu respiro nele. Ignoro essa parte de mim que não quer que ele me solte nunca mais.

CAPÍTULO 2

Sal

Não sei por que, mas sinto algo estranho quando Gabriel e eu vamos nos despedir. Algo diferente da onda de calor. Uma onda de anseio, talvez? Remorsos? *Medo*? Mas sorrio e ignoro. Sentimentos assim só vão me atrapalhar, por isso, não posso me permitir pensar muito a respeito.

Já vamos ter que sair muito mais tarde do que havíamos planejado. Reese queria que a gente chegasse à sua festa de despedida mais cedo para ajudar a arrumar tudo, e se Gabe não for agora, não conseguiremos nos arrumar, comprar as coisas e chegar na hora. Mas algo o impede de ir.

— Do jeito que é a família de Reese — diz —, a festa de despedida vai durar a noite toda. Você tem coisas de família na quarta-feira, e eu na quinta.

— E na sexta, nós quatro estaremos juntos a noite toda — digo, pois entendo o que ele quer dizer.

— E partiremos no sábado.

— Partiremos no sábado — repito.

Ele está sem jeito, e aquela sensação toma meu peito de novo.

— O que significa o fim para nós, de certa forma, né? — diz ele.

— Nunca será *o fim* para nós. — Dou uma piscadinha. — Mas sim, não poderemos ficar juntos por um tempo.

Nossa amizade é, no mínimo, não convencional. Sempre conversamos sobre isso numa boa, apesar da ansiedade de Gabriel, que às vezes atrapalha e torna difícil para ele expressar seus pensamentos. Mas hoje é diferente. Ele nunca sentiu tanta dificuldade; nunca foi tão cauteloso.

Estendo a mão, mas ele se afasta no último segundo.

— Eu... não sei por que estou pensando tanto nisso — diz ele. — Três meses é muito tempo, acho. E finalmente teremos nossa primeira chance de sair com outras pessoas.

— E, de repente, você percebeu que me ama.

Nossos olhos se encontram, mas ele começa a rir primeiro.

Eu sei que o amo. Não é *esse* tipo de amor, mas é alguma coisa. É algo, mas tudo ao nosso redor está acontecendo muito depressa. Estou sempre muito ocupado, mamãe está sempre no meu pé, tudo é difícil.

Mas isso aqui não é. Na verdade, afundar em seus lábios é fácil.

— Vou sentir falta disso — admito com um sorriso gentil no rosto. — E se não pudermos ficar de novo porque nos apaixonamos *de verdade* por um cosmopolita, bom para nós, certo?

O silêncio que se segue à minha pergunta é carregado de emoção. Sabíamos que não era para sempre, mas não pensei que a data de vencimento chegaria tão cedo.

— Certo — diz ele com voz calma, que não revela muita coisa. — E se acabou para nós, saiba que curti muito, Sal. Mesmo você sendo *péssimo* de cama.

Faço cara de ofendido e finjo que vou embora, mas Gabe pega meu braço e me gira em direção a ele.

— Brincadeira — diz ele. — Vou sentir falta de nós dois.

Com Gabe, eu sempre tenho que ser o forte, o confiante. Mas *gosto* dessa dinâmica. Gosto de me sentir no controle, assumir a liderança; se bem que agora não me sinto tão confiante.

Ele se vira para ir embora, mas para quando suspiro.

— Você disse alguma coisa?

Mordo o lábio.

— Não. Nada não.

Claro que é mentira. Estou tenso por causa da ida para DC, por nossa amizade, pelos outros. Pelo milésimo sermão da minha mãe sobre “estratégia universitária” ontem à noite. Estou com *medo*. Quero confessar isso e preciso que ele ouça. Mas não posso me apegar a essa dinâmica que temos, a essas ficadas de vez em quando durante anos. Preciso seguir em frente, e ele também, e este verão será o momento perfeito para isso.

Ele deve ter percebido minha hesitação, porque volta para a varanda e me abraça. Nos afastamos brevemente e colo meus lábios nos dele. Temos um milhão de regras para nossa relação, e a mais óbvia é nunca fazer isso em público. Mas aqui está ele, mordendo meu lábio e enroscando a língua na minha. E aqui estamos nós nos beijando, e beijando, e beijando.

Mas ainda estou com medo.

Golden Boys

Reese, Gabriel, Heath, Sal

Reese

Terra para Sal

Terra para Gabriel

Qual é o sentido de um chat em grupo se ninguém responde?

Heath

Eu respondo!!

Reese

Não responda dirigindo

Heath

Estamos parados no semáforo, e você por acaso está no banco do passageiro!!

Reese

Cale a boca e dirija.

Pessoal, quando terminarem de fazer o que estiverem fazendo...

S, você vai poder pegar o gelo? E G, vai trazer os biscoitos de seu pai, né?

Não se atrasem [emoji de raiva]

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MARÇO DE 2023